

CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO PRONTO-SOCORRO PEDIÁTRICO: PERCEPÇÃO FAMILIAR

Heverlin Maianna Santos Antunes ¹
Eliane Tatsch Neves ²

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por alterações no neurodesenvolvimento que envolvem dificuldades persistentes na comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, demandando cuidados específicos nos diferentes pontos da Rede de Atenção à Saúde. No contexto dos serviços de urgência e emergência pediátrica, tais especificidades podem intensificar situações de sofrimento para crianças e familiares, em razão de ambientes com estímulos sensoriais excessivos, rotinas imprevisíveis e limitações no preparo das equipes de saúde. O presente estudo teve como objetivo conhecer a percepção de familiares de crianças com TEA acerca do atendimento recebido em um pronto-socorro pediátrico de um hospital universitário do Sul do Brasil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com familiares de crianças com TEA atendidas no serviço, no período de maio de 2024 a junho de 2025. A análise dos dados ocorreu por meio da Análise de Conteúdo Temática. Os resultados evidenciaram fragilidades relacionadas à comunicação entre equipe e familiares, inadequações estruturais do ambiente hospitalar, dificuldades no manejo de crises comportamentais e percepção de despreparo profissional frente às necessidades específicas das crianças com TEA. Por outro lado, foram identificadas experiências pontuais de acolhimento e cuidado sensível quando houve escuta qualificada e articulação com os familiares. Conclui-se que o atendimento em pronto-socorro pediátrico ainda apresenta desafios significativos para o cuidado integral de crianças com TEA, reforçando a necessidade de capacitação profissional, adaptação dos fluxos assistenciais e fortalecimento de práticas humanizadas no âmbito da Enfermagem e da atenção em saúde.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Pronto-Socorro Pediátrico; Percepção Familiar.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by neurodevelopmental changes involving persistent difficulties in social communication and restricted and repetitive patterns of behavior, requiring specific care across different points of the Health Care Network. In the context of pediatric urgent and emergency services, these specificities may intensify situations of distress for children and their families due to environments with excessive sensory stimuli, unpredictable routines, and limitations in the preparedness of health care teams. This study aimed to understand the perceptions of family members of children with ASD regarding the care provided in a pediatric emergency department of a university hospital in southern Brazil. This is a qualitative, descriptive, and exploratory study conducted through semi-structured interviews with family members of children with ASD who received care at the service between May 2024 and June 2025. Data analysis was carried out using Thematic Content Analysis. The results revealed weaknesses related to

¹ Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, heverlin.antunes@acad.ufsm.br;

² Professor orientador: Prof^ª. Titular da Universidade Federal de Santa Maria, Universidade - UFSM, orientador@email.com.

communication between the health care team and families, structural inadequacies of the hospital environment, difficulties in managing behavioral crises, and perceived lack of professional preparedness to address the specific needs of children with ASD. On the other hand, isolated experiences of welcoming and sensitive care were identified when qualified listening and articulation with family members occurred. It is concluded that pediatric emergency care still presents significant challenges to the comprehensive care of children with ASD, reinforcing the need for professional training, adaptation of care flows, and strengthening of humanized practices within nursing and health care services.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Pediatric Emergency Department; Family Perception.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é reconhecido como um transtorno do neurodesenvolvimento que se manifesta precocemente e acompanha o indivíduo ao longo da vida, impactando de maneira significativa os processos de comunicação, interação social e comportamento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Crianças com TEA frequentemente apresentam hipersensibilidades sensoriais, dificuldades na compreensão de comandos verbais, resistência a mudanças de rotina e maior propensão a crises comportamentais em contextos adversos. Tais características tornam o ambiente hospitalar, especialmente os serviços de urgência e emergência pediátrica, um espaço potencialmente gerador de sofrimento para essas crianças e seus familiares.

Os serviços de pronto-socorro pediátrico caracterizam-se por elevada demanda, imprevisibilidade clínica, ruídos intensos, iluminação artificial e múltiplos estímulos sensoriais, elementos que podem desencadear reações de estresse e comportamentos disruptivos em crianças com TEA (KOLUKISA; CINAR, 2025). Nesse cenário, a ausência de estratégias assistenciais específicas e a limitação do preparo das equipes de saúde tendem a comprometer a qualidade do cuidado prestado, ampliando a sobrecarga emocional dos familiares que acompanham a criança.

A família, especialmente os cuidadores principais, desempenha papel central no cuidado à criança com TEA, sendo frequentemente responsável por mediar a comunicação com os profissionais de saúde, identificar sinais de desconforto e adotar estratégias para minimizar crises (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019). Assim, compreender a percepção desses familiares sobre o atendimento recebido em serviços de urgência pediátrica mostra-se fundamental para subsidiar práticas assistenciais mais sensíveis, inclusivas e alinhadas aos princípios da integralidade e da humanização do cuidado no Sistema Único de Saúde (SUS).

REFERENCIAL TEÓRICO

O cuidado à criança com TEA insere-se no campo das Crianças com Necessidades Especiais de Saúde, grupo que demanda atenção contínua, articulada e centrada nas singularidades do desenvolvimento infantil (NEVES; CABRAL, 2008). A literatura aponta que o modelo biomédico tradicional, focado predominantemente na queixa clínica imediata, mostra-se insuficiente para responder às necessidades complexas dessas crianças, especialmente em contextos de urgência, nos quais o tempo reduzido e a pressão assistencial tendem a limitar abordagens mais abrangentes.

No âmbito da Enfermagem pediátrica, o cuidado centrado na família configura-se como estratégia fundamental para a qualificação da assistência, reconhecendo os familiares como parceiros no processo de cuidado e detentores de conhecimentos singulares sobre a criança (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019). Estudos evidenciam que a valorização da experiência familiar contribui para a redução de conflitos, melhora da comunicação e maior adesão às intervenções propostas, especialmente em situações de crise.

Além disso, políticas públicas de saúde voltadas à infância e à atenção psicossocial reforçam a importância da articulação entre os diferentes pontos da Rede de Atenção à Saúde, destacando a necessidade de práticas que garantam acolhimento, escuta qualificada e respeito às especificidades do desenvolvimento infantil (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019). Contudo, observa-se que tais diretrizes nem sempre se materializam nos serviços de urgência, revelando lacunas entre o preconizado normativamente e o cotidiano assistencial.

Metodologia

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, desenvolvido em um pronto-socorro pediátrico de um hospital universitário localizado no Sul do Brasil. A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pela possibilidade de apreender percepções, significados e experiências vivenciadas por familiares de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto do atendimento em urgência pediátrica, considerando a complexidade subjetiva e relacional que envolve esse cuidado.

Os participantes do estudo foram familiares cuidadores de crianças com diagnóstico de TEA que vivenciaram atendimento no referido serviço de pronto-socorro pediátrico. Como critérios de inclusão, consideraram-se familiares maiores de 18 anos, que acompanharam a criança durante o atendimento e que se encontravam em condições emocionais de participar da entrevista. Foram excluídos familiares que não acompanharam diretamente o atendimento ou que apresentaram dificuldades que inviabilizassem a comunicação verbal no momento da coleta de dados.

A coleta de dados ocorreu no período de maio de 2024 a junho de 2025, por meio de entrevistas semiestruturadas, conduzidas em ambiente reservado, garantindo privacidade e conforto aos participantes. O roteiro de entrevista contemplou questões relacionadas à experiência do atendimento no pronto-socorro pediátrico, à comunicação com a equipe de saúde, às condições do ambiente hospitalar, ao manejo das necessidades específicas da criança com TEA e aos sentimentos despertados durante o cuidado em situação de urgência. As entrevistas foram registradas mediante gravação em áudio, com autorização prévia dos participantes, e posteriormente transcritas na íntegra para análise.

Os dados obtidos foram analisados a partir da técnica de Análise de Conteúdo Temática, seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, permitindo a identificação de categorias temáticas que expressam os núcleos de sentido presentes nos relatos. Essa técnica possibilitou compreender padrões recorrentes e singularidades nas percepções dos familiares acerca do atendimento recebido.

O estudo respeitou os preceitos éticos previstos na legislação vigente para pesquisas envolvendo seres humanos, sendo aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário de Santa Maria, sob parecer n.º 7.133.474. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos adotados, a garantia de sigilo e anonimato, bem

como o direito de desistência a qualquer momento, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados e Discussão

A vivência dos familiares de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) atendidas em pronto-socorro pediátrico evidencia desafios que atravessam dimensões estruturais, comunicacionais e relacionais do cuidado em saúde. Os relatos revelaram percepções heterogêneas quanto à qualidade do atendimento, alternando entre experiências pontuais de acolhimento e situações marcadas por despreparo profissional e inadequações da infraestrutura física, achado também identificado por Bennemann e Brum (2024), que destacam a ausência de protocolos específicos e a carência de capacitação das equipes como fatores que comprometem a segurança da criança com TEA em contextos de emergência.

As características do ambiente físico do pronto-socorro, como excesso de estímulos visuais e sonoros, iluminação intensa e ausência de recursos lúdicos, emergiram como importantes desencadeadores de ansiedade e comportamentos desorganizadores. Tais resultados são coerentes com a literatura, que aponta maior sensibilidade sensorial e menor tolerância a ambientes imprevisíveis em crianças com TEA (KOLUKISA; CINAR, 2025). Nesse sentido, a adoção de espaços adaptados, com estímulos controlados e recursos visuais explicativos, configura estratégia relevante para reduzir crises sensoriais e favorecer o manejo assistencial (SEREJO, 2025).

Apesar da existência de legislações que asseguram prioridade e atendimento adequado às pessoas com TEA, como a Lei n.º 12.764/2012 e o Decreto n.º 8.368/2014, os resultados indicam limitações em sua efetivação no contexto hospitalar. A distância entre o arcabouço legal e a prática cotidiana reflete obstáculos relacionados à falta de estrutura institucional, sensibilização das equipes e protocolos assistenciais específicos, conforme descrito por Oliveira e Santos (2022), fazendo com que o cuidado permaneça, muitas vezes, condicionado à iniciativa individual dos profissionais.

As dificuldades específicas da criança, como resistência ao toque, medo de jalecos, desorganização frente a mudanças de rotina e comportamentos interpretados como indisciplina, foram recorrentes nos relatos familiares e correspondem a características amplamente descritas na literatura sobre o TEA (MAGALHÃES; LEMOS; ALVES, 2021). Nesse contexto, a comunicação qualificada destaca-se como elemento central para um atendimento exitoso, sendo a antecipação verbal, a explicação clara dos procedimentos e o uso de recursos visuais estratégias eficazes para reduzir a ansiedade e favorecer a cooperação da criança (ESTEVÃO, 2024; SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019).

Outro achado relevante refere-se ao papel da família como mediadora da comunicação e reguladora emocional da criança durante o atendimento, aspecto alinhado ao modelo do Cuidado Centrado na Família, que reconhece os familiares como parceiros fundamentais no processo assistencial, especialmente em situações de urgência (BRASIL, 2018; RICCIOPPO, 2023). Entretanto, quando comportamentos autísticos são interpretados como indisciplina, reforçam-se estigmas que comprometem o manejo clínico e a relação com os cuidadores (CARDOSO; MOREIRA; LIMA, 2023; BOSHOF et al., 2019).

Considerando o aumento da prevalência do TEA em âmbito mundial (MAENNER et al., 2023; CDC, 2020), os achados reforçam a necessidade de capacitação contínua das equipes de urgência e de investimentos institucionais voltados à humanização, à acessibilidade sensorial e à

reorganização dos processos de trabalho. A ausência de preparo adequado intensifica a sobrecarga emocional dos familiares, que frequentemente já vivenciam trajetórias marcadas por estresse e exaustão (RAY, 2024; COSTA BRAÚNA et al., 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou compreender as percepções de familiares de crianças com TEA acerca do atendimento recebido em pronto-socorro pediátrico, evidenciando que esse espaço, embora essencial para a atenção à saúde infantil, ainda apresenta limitações importantes para o acolhimento das necessidades específicas desse público. As fragilidades identificadas, relacionadas à comunicação, à ambiência e à ausência de protocolos assistenciais, reforçam a centralidade da família como mediadora do cuidado e evidenciam lacunas institucionais na oferta de um atendimento integral e humanizado.

Por outro lado, a identificação de experiências positivas associadas à escuta qualificada, à empatia e à flexibilização das rotinas assistenciais demonstra que a atuação sensível dos profissionais, especialmente da Enfermagem, pode minimizar o sofrimento e fortalecer o vínculo com a família, mesmo em contextos de urgência. Assim, os resultados apontam para a necessidade de investimentos em educação permanente, reorganização dos processos de trabalho e adequação dos ambientes hospitalares, alinhando as práticas assistenciais aos princípios da integralidade, da humanização e do cuidado centrado na família preconizados pelo Sistema Único de Saúde. Embora não generalizáveis, os achados oferecem subsídios relevantes para a qualificação do cuidado às crianças com TEA em serviços de urgência e emergência e para o desenvolvimento de futuras pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BENNEMANN, M.; BRUM, E. S. Atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista em serviços de urgência e emergência: desafios para a prática profissional. *Revista de Enfermagem Pediátrica*, v. 14, n. 2, p. 87-96, 2024.

BOSHOF, K. *et al.* Autism and healthcare: barriers to effective communication and care. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, New York, v. 49, n. 2, p. 1-12, 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 2012.

BRASIL. **Decreto nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014**. Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização: HumanizaSUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança: orientações para implementação**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

CARDOSO, L. S.; MOREIRA, M. I.; LIMA, R. C. Estigma e Transtorno do Espectro Autista: implicações para o cuidado em saúde. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 47, n. 137, p. 1-12, 2023.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Prevalence of autism spectrum disorder among children aged 8 years**. Atlanta: CDC, 2020.

COSTA BRAÚNA, C. F. *et al.* Sobrecarga emocional de cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro Autista em serviços de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, Recife, v. 25, n. 1, p. 1-10, 2025.

ESTEVÃO, A. R. Comunicação terapêutica no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista em ambiente hospitalar. *Revista Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 1-9, 2024.

FERREIRA, M. C.; OLIVEIRA, M. A. C. Cuidado centrado na família na enfermagem pediátrica: revisão integrativa. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 27, e3150, 2019.

KOLUKISA, B.; CINAR, N. *Sensory sensitivity and emergency care in children with autism spectrum disorder*. *Journal of Pediatric Nursing*, Philadelphia, v. 73, p. 45-52, 2025.

MAGALHÃES, R. S.; LEMOS, S. M. A.; ALVES, C. R. L. Transtorno do Espectro Autista e hospitalização: implicações sensoriais e comportamentais. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 8, e00012321, 2021.

MAENNER, M. J. *et al.* *Prevalence and characteristics of autism spectrum disorder among children aged 8 years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, United States, 2020*. *MMWR Surveillance Summaries*, Atlanta, v. 72, n. 2, p. 1-14, 2023.

NEVES, E. T.; CABRAL, I. E. **A fragilidade clínica e a vulnerabilidade social das crianças com necessidades especiais de saúde**. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 29, n. 2, p. 139-151, 2008.

OLIVEIRA, A. R.; SANTOS, E. R. Desafios da atenção à pessoa com Transtorno do Espectro Autista nos serviços de saúde. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 26, e210345, 2022.

RICCIOPOPO, M. L. Cuidado centrado na família no contexto da urgência pediátrica. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 32, e20220345, 2023.

SEREJO, P. R. Ambiência hospitalar e acessibilidade sensorial no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 78, n. 1, e20240123, 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Transtorno do Espectro Autista: orientações para profissionais de saúde**. Rio de Janeiro: SBP, 2019.